

Bispos pedem mais pelo índio

JB-25.6.77

Manaus — O Arcebispo Coadjutor de Manaus, D Milton Correia, defendeu ontem, na Câmara Municipal, uma melhor atuação do Governo na política de integração do índio brasileiro. O Bispo de São Félix do Araguaia, D Pedro Casaldáliga, pediu respeito à terra dos índios e disse que é brasileiro.

Devido à falta de tempo dos Participantes do 1º Encontro de Pastoral Indígena Panamazônica, apenas D Milton e D Pedro compareceram à sessão solene da Câmara. Não houve debates. Nenhum representante da Assembléia Legislativa esteve presente.

CRÍTICA

D Milton declarou que a Igreja socorre os cerca de 120 mil índios da Amazônia. Afirmou que, apesar da existência de um órgão oficial para atendimento, "nem sempre o programa é executado como deveria ser". Segundo ele, a população indígena — 5 milhões na época do descobrimento — desapareceu, às vezes por massacres, às vezes por epidemias, às vezes por transferência.

Advertiu que muitos índios estão saindo do Brasil. Muitos vão para a Bolívia e Colômbia. "A Igreja" — disse — "quer conservar os índios para encaminhá-los na sua integração à civilização, na vida nacional".

Analisando o trabalho dos missionários, assegurou que as circunstâncias se modificaram desde o descobrimento do Brasil, quando eles andavam livremente em todas as partes. "Hoje, a Funai não permite mais que os missionários abram novas frentes de serviço religioso, o que aliena o missionário do convívio oficial".

"As vezes" — acrescentou — "parece até uma ironia, uma afronta, se falar na integração do índio na civilização, quando deveria ser o contrário: os índios deveriam dar lições de civilização".

RESPEITO

"O que estamos percebendo nesse encontro de Pastoral Indigenista" — declarou D Pedro Casaldáliga — "é que o problema premente do índio é a terra. Peço que as reservas, onde os índios têm legítimo e soberano direito, sejam de fato respeitadas, rigorosamente respeitadas".

Pediu o reconhecimento da originalidade e da identidade da cultura do índio, pois, no seu entender, eles são tratados como os que precisam de alguma coisa, como os coitados, os pobres, os incapazes. "Quando reconhecemos a originalidade soberana, a identidade e o pleno direito de cada cultura, de cada povo, estamos, de fato, reconhecendo os direitos humanos dos povos indígenas".

D Pedro Casaldáliga explicou que a Igreja atua em três linhas de visão na Amazônia: a tradicional catequisadora, a assistencialista ou paternalista e a da encarnação da realidade e libertação, que é defendida pelos "melhores missionários em termos de consciência crítica e de compromisso global, sem se considerar que todos têm a melhor boa vontade".